

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 2º de agosto de 1924, aos 48 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou no comércio por algum tempo em decorrência do grande débito da família que possuía. Foi separado por algum tempo do Ceará (1882/1889), depois retornou pelo Ceará (1900/1919) e trabalhou no comércio de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro trabalhou em algumas instituições, na biblioteca do estado (Editora) e também se dedicou ao magistério em algumas instituições de Ensino e do Ginásio Artísticos. Em Recife, em 1900, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da Paraíba e do Rio de Janeiro. Foi eleito um dos membros fundadores da Academia Cearense de Letras em 1906, com o nome de "Vozes do Ceará".

## ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1894 a 1900. Este grupo de poetas que se reuniram em torno de um idealismo humanístico e social, após alguns anos de existência, quando foi eleito presidente do mesmo, surgiu um grupo de poetas que se reuniram em torno de um idealismo humanístico e social. Com a ajuda de Leonardo Melo, um poeta de grande talento, surgiu um grupo de poetas acadêmicos, ocasião em que se reuniu a Academia Cearense de Letras.

### A REDENÇÃO DO ACAPAF

LEONARDO MELO

1894-1906

Vence a Paixão e o Direito;  
Que se iluminam de luz;  
Das coisas de Francisco  
Recupera nosse heróis  
Tremida a fim a unidade,  
Magnífico a Legalidade,  
Que tem a sombra e não tem luz,  
Que um poço que se renova,  
É um exemplo sublime,  
Que a Féria é Glória cordão

O céu se vestiu de estrelas,  
A terra de luz e flores,  
O sol se adorna das pássaros

## JOEL LINHARES

Joel de Lima Linhares nasceu em Lavras da Mangabeira, Ceará, em 30 de agosto de 1895 e faleceu em Fortaleza no dia 23 de fevereiro de 1979, aos 83 anos de idade. Estudou no Seminário Arquidiocesano de Fortaleza onde fez o curso de humanidades e ingressou no curso de Teologia sem, todavia, concluir os estudos. Foi professor de Música, Canto Gregoriano e Português em vários colégios da cidade e catedrático de Filologia Românica na Faculdade de Filosofia do Ceará. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1933, exerceu por muito tempo o cargo de diretor geral da Secretaria de Estado dos Negócios do Interior e da Justiça.

Filólogo, orador de fama e poeta, tendo publicado esparsamente notas de Filologia Românica, alguns discursos e poemas. Escreveu um romance e uma gramática, cujos originais se extraviaram, tendo sido salvos dezesseis poemas por ele assinados (dados fornecidos pelo acadêmico Linhares Filho).

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 21 de maio de 1930, por ocasião da sua segunda reorganização. Ocupou a cadeira 12 (posteriormente 16) cujo patrono é Franklin Távora. Participou, por muitos anos, da diretoria do sodalício na função de bibliotecário.

### FURACÃO

*Rumorejando ao longe, a pouco e pouco, cresce,  
Horrendo e estrondoroso, o sopro do tufão...  
E, na onda arrasadora, até se vai a messe  
Em poeira verdejante, esparsa, pelo chão.*

*A velha árvore tomba... enfim, tudo perece...  
Na terra, em poeira e pó, não fica um corpo são:  
É tudo ruína e tudo, em desolada prece,  
Recorre à Calmaria e odeia o Furacão!*

*Mas o tufão investe inda outra vez, alado,  
Em volúpia voraz, voando floresta em fora,  
Num último estertor de amante saciado!...*

*Acalma-se depois e, aos poucos, morre langue...  
- Só não cessa a volúpia ardente que devora  
A incontentada carne e o revoltado sangue...*

\* \* \*

*Que nos falta desta vida,  
Na praia do Pirambu,  
Se temos tudo, querida,  
Se nos temos – eu e tu?*

*Nunca vi tantos encantos,  
Como os vejo em Pirambu...  
O mar soluça os seus cantos,  
Nós cantamos – eu e tu.*

*Negrejam no céu escampo  
Asas negras de urubu...  
E logo um beijo te estampo  
Na boca cor de urucu...*

*Além da duna gargalha  
O som de um maracatu...  
Na nossa casa de palha,  
Quanto beijo em Pirambu.*

*Dos que sofrem tenho pena,  
Nesta paz do Pirambu,  
Só quem não vibra, pequena,  
Não ama como eu e tu.*

*Deus nos olha lá de cima,  
Neste céu do Pirambu.  
E, enquanto findo esta rima,  
Nos abençoa. Eu e tu...*

28-IV-1941

FONTE: POEMAS SELECIONADOS PELO ACADÊMICO LINHARES FILHO.